



“A Constituição o deterá” – uma análise historiográfica do viral

Por Carlos Reiss e Michel Ehrlich*

Nos últimos dias, viralizou uma frase atribuída ao que seria a “capa de um jornal alemão voltada à comunidade judaica de Frankfurt logo depois da posse de Hitler”. O texto nos chama atenção pelo caráter explícito e cauteloso à ascensão nazista ao poder na Alemanha.

“Acalmem-se! Sim, ele é louco, mas não será tão ruim assim. Afinal, somos uma democracia e temos uma constituição. A Constituição o deterá.”

Seja via Facebook, Instagram e principalmente Whatsapp, fato é que este material, escrito num fundo preto e em letras brancas garrafais, se espalhou com grande velocidade – característica intrínseca destas plataformas. Entretanto, a onda de notícias falsas, bem como a cautela e responsabilidade necessárias para lidar com estas ferramentas, nos orientam a buscar a veracidade histórica de cada informação que recebemos. O que nem sempre acontece pelos que compartilham.

Como referência brasileira em memória, educação e pesquisa sobre a Shoá, o Museu do Holocausto de Curitiba foi procurado por diversas pessoas, de várias partes do país, para desvendar o viral. É nosso dever, portanto, esclarecer o que é ou não historicamente comprovado ou plausível. E diante do desafio, o departamento de História da instituição, ao lado da coordenação-geral, sentiu-se na obrigação de se aprofundar e de esclarecer sobre a veracidade das fontes que circularam pela internet.

A proposta, entretanto, foca exclusivamente no caráter historiográfico da pesquisa, sem qualquer intenção ideológica. A utilização desta possível fonte para fins de discussão político-partidária não teve origem neste Museu ou sequer em seu quadro particular de colaboradores. Nosso compromisso, nesta pesquisa, é com a análise e aprofundamento criterioso das fontes disponíveis, sem julgamento ou apropriação política dos eventos históricos que culminaram na Shoá.



Esclarecido este ponto, vejamos.

As origens do viral, como é de sua natureza, são desconhecidas. O que não torna o material apócrifo, já que em alguns posts e mensagens constam possíveis fontes primárias. Uma delas, disponibilizada no site da Universidade de Frankfurt, seria uma publicação do *Gemeindeblatt der Israelitischen Gemeinde Frankfurt am Main* (algo como a “Gazeta Municipal da Cidade de Frankfurt am Main”), número 6, de fevereiro de 1933. Até o momento, não foi possível verificar se esta fonte contém tal mensagem, de modo que não dá para confirmar ou negá-la por completo.

Outra referência apontada é uma entrevista concedida pelo cineasta norte-americano Michael Moore sobre seu recém-lançado filme “Fahrenheit 11/9”, que discute a ascensão do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump – <https://www.usatoday.com/story/life/movies/2018/09/18/michael-moore-new-documentary-how-trump-could-absolutely-get-reelected/1337939002/>. Michael Moore cita exatamente a frase que viralizou (em inglês) e afirma ser parte de um editorial de um jornal da comunidade judaica de Frankfurt, na Alemanha. Pela exatidão das palavras e da tradução literal para o português, é provável que esta seja a origem da frase que circula pelas redes sociais. Moore, entretanto, não cita o nome do jornal em questão. Talvez esteja se referindo ao “Der Israelit”, que traz um posicionamento neste sentido, mas não com estas palavras, como será analisado mais adiante. Ou, então, trata-se de alguma outra publicação menor, não rastreada por nós.

Outra possível fonte que logo foi apontada é um extenso material publicado pelo United States Holocaust Memorial Museum, por meio de seu Centro de Estudos Avançados – parte do conteúdo está disponível no link: <https://www.ushmm.org/m/pdfs/20091110-Matthaus-Ch-1.pdf>. A obra, publicada em 2010 pela Altamira Presa e escrita por Jürgen Matthäus e pelo grande Mark Roseman, é intitulada *Jewish Responses to Persecution - Volume I - 1933-1938*. O documento cita diversas fontes da imprensa judaica da Alemanha dos dias seguintes à nomeação de Hitler como chanceler, em 30 de janeiro de 1933, tal como os jornais “Der Israelit” (O israelita), “Jüdische Rundschau” (Boletim judaico) e “Central-Verein-Zeitung” (Jornal da União Central, publicado pelo *Central-Vereins deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens* - algo como a



“União Central dos cidadãos alemães de fé judaica” – também conhecido como CV-Zeitung). Estes três periódicos eram alguns dos principais jornais da comunidade judaica alemã, representando cada qual correntes políticas e religiosas distintas, respectivamente ortodoxa, sionista e liberal. Esses jornais eram impressos em grandes cidades alemãs como Berlim e Frankfurt, e divulgadas nacionalmente.

Em relação à tiragem, um breve levantamento apontou que o “Jüdische Rundschau” chegou a ter mais 35 mil cópias por semana e que o “Central-Verein-Zeitung” chegou a alcançar 60 mil cópias por tiragem. Todas estas publicações tiveram sua circulação descontinuada por ordem do governo nazista após a Noite dos Cristais, em 9 de novembro de 1938. As três têm cópias digitalizadas disponíveis no projeto “Digitale Sammlungen”, da biblioteca universitária da Goethe-Universität Frankfurt (Alemanha), acessíveis no link: <http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/>.

Ao menos dois desses jornais, o “Der Israelit” e o “CV-Zeitung”, nas primeiras páginas de suas edições de 2 de fevereiro de 1933 (como eram publicações semanais, é a primeira edição após a nomeação de Hitler) trazem pontos de vista que se assemelham à frase viralizada. Ambos manifestam preocupação com a ascensão de Adolf Hitler e o partido nazista ao poder, porém, ao mesmo tempo, manifestam confiança nas instituições do Estado alemão de que seus direitos mais fundamentais como cidadãos não serão atingidos. Cabe lembrar que nesse momento, o partido nazista ainda não havia assumido controle absoluto sobre o Estado. Nomeado chanceler (equivalente ao cargo de primeiro ministro), Hitler ocupava o posto mais importante, mas ainda compartilhava o poder com o presidente Paul von Hindenburg, um gabinete ministerial composto também por outros partidos e um parlamento pluripartidário, no qual o partido nazista era o maior partido, mas não detinha maioria. A situação mudaria rapidamente nos meses seguintes, mas ainda não estava delineada no início de fevereiro.

Abaixo, copiamos, em tradução livre nossa, alguns trechos significativos dos textos publicados nesses dois jornais. O conteúdo completo pode ser visualizado nos links disponibilizados acima:



DER ISRAELIT – 2 de fevereiro de 1933

[...]

*Nós não concordamos com a visão de que Herr Hitler e seus amigos, agora finalmente em posse do poder que eles desejaram por tanto tempo, irão promulgar as propostas que circulam nos jornais *Anfgriff* e *Volkischer Beobachter* [jornais pró-nazistas]; eles não vão repentinamente alienar os judeus alemães de seus direitos constitucionais, prendê-los em guetos raciais ou sujeitá-los aos impulsos avaros e assassinos da turba. Eles não só não podem fazer isso porque muitos outros fatores cruciais mantêm seus poderes sob controle, desde o presidente do Reich até alguns dos partidos políticos aliados a eles, mas eles também claramente não querem ir por esse caminho, pois quando se age como uma potência mundial europeia, toda a atmosfera é mais propícia à reflexão ética sobre o melhor agir*

[...]

Não reconhecer a gravidade da situação, no entanto, seria inexoravelmente otimista. Quanto menos os novos homens no poder se provarem capazes de realizar milagres legislativos para o povo alemão enquanto eles lutam contra a fome e as mazelas, quanto mais eles vão achar atraente, em vez disso, para parecer estar fazendo algo, colocar em prática ao menos algumas partes do programa de teoria racial do Partido Nazista.

[...]

Do jeito que as coisas estão, parece ser o mal menor que pelo menos - através da tolerância do partido de centro com o novo governo [partido que aceitou formar uma coalizção com o partido nazista] - a base de funcionamento do parlamento e seu sistema de freios e contrapesos são mantidos. [...] Este status quo é mais desejável do que um voto de desconfiança que provocaria a dissolução do Reichstag e, com ele, a ditadura sem limites e a introdução de experimentos do governo sob o manto de um estado de exceção.

CV-ZEITUNG – 2 de fevereiro de 1933

Em 30 de janeiro, após a nomeação do gabinete de Hitler, o Presidente da União Central [judaica] fez a seguinte declaração ao público:

Estamos, é claro, confrontados com um ministério no qual os Nacional-Socialistas ocupam posições decisivas, é claro, com a maior desconfiança, mesmo que, na situação dada, não tenhamos outra opção a não ser esperar e ver. Nós



consideramos como o polo de calma as aparições do Presidente do Reich [von Hindenburg], em cujo senso de justiça e lealdade constitucional confiamos. Além disso, estamos convencidos de que ninguém ousará violar nossos direitos constitucionais. Qualquer tentativa adversa nos encontrará em defesa determinada de nossos postos.

Por ora, a palavra de ordem é: espere com calma!

[...]

Os judeus alemães têm a profunda confiança de que a lealdade a constituição, o sentimento de justiça e a solidariedade do Senhor Presidente para com todas as partes do povo alemão, não tolerará nenhum ataque aos direitos constitucionais da sociedade alemã. O novo governo logo perceberá que tem outras questões muito mais difíceis a responder do que a chamada questão judaica.

Já o “Jüdische Rundschau” apresentava uma visão menos otimista. Esse jornal se mostrava mais preocupado com a ascensão do partido nazista. Porém, mesmo segundo seus editores, a preocupação também podia ser apreendida como uma oportunidade, de emergência do *novo judeu*, forte, independente e que não vê futuro na vida na diáspora – o que condiz com o posicionamento sionista desse jornal. Mesmo adotando um tom mais alarmista do que os dois exemplos anteriores, ele também rejeita um total pessimismo quanto ao futuro.

JÜDISCHE RUNDSCHAU – 3 de fevereiro de 1933

A verdade é que a pressão dos nacional-socialistas afetou a vida na Alemanha há algum tempo. Independentemente do fato de que os judeus estão sendo sistematicamente excluídos da vida econômica e cultural, o antissemitismo passou a dominar a atmosfera psicológica. Isso também tem o efeito de que o judeu mais uma vez sabe que é judeu, porque ninguém o deixa esquecer. [...]Estivemos sempre convencidos - e a Jüdische Rundschau enfatizou enfaticamente – de que o movimento nacional-socialista, já há algum tempo não mais é um mero partido político, mas tornou-se a fonte autorizada da opinião pública e acabaria por tomar também posições de poder.

Seria ridículo para nós dizer que os judeus são perfeitos ou que eles não tem falhas. Somos nós mesmos que sofremos mais de certos fenômenos na vida judaica. O sionismo reconheceu claramente há quarenta anos a nossa necessidade de



renovamo-nos a partir de dentro [...] Mas nós também temos o Novo Judeu, que almeja libertar-se tanto dos resquícios do gueto como dos danos causados pela assimilação [em crítica tanto à corrente ortodoxa, como a liberal] [...] Este novo judaísmo, internamente seguro, ignora todos os insultos e agressões e mantém a cabeça erguida. Para isso funcionar, tudo depende de libertar os judeus de sua atomização e auto-alienação e uni-los pela causa judaica.

A análise destas fontes permite chegar a algumas conclusões.

Em relação ao texto que viralizou, ele é, ao menos até que fontes ainda não pesquisadas provem o contrário, apenas parcialmente verdadeiro. De fato, alguns jornais da comunidade judaica alemã, ainda que se opusessem por motivos óbvios ao partido nazista e seu Antissemitismo, acreditavam que as instituições do Estado alemão os manteriam seguros. Os projetos antissemitas dos nazistas seriam mero artifício retórico ou então contidos pelos freios da República de Weimar (presidente, constituição, parlamento, pluripartidarismo etc). Portanto, o sentido da mensagem viral é correto. No entanto, até onde foi possível averiguar, aquela frase precisamente não está contida em nenhum jornal. As expressões em alemão para “louco” ou “não será tão ruim assim” não aparecem em nenhuma das fontes analisadas. Trata-se, portanto, de uma tradução interpretativa, e não literal.

A partir das fontes, é também possível analisar as percepções de parte da comunidade judaica alemã sobre a ascensão do partido nazista. Entretanto, é importante ressaltar que não devemos culpabilizar as vítimas por não perceberem previamente os acontecimentos. O olhar *a posteriori* tende a tornar o passado mais inteligível e de certa forma previsível. Isso, porém, não reflete a percepção das pessoas que vivem os acontecimentos, para quem o dia seguinte era sempre uma incógnita. As próprias organizações que publicavam esses jornais viriam a se tornar mais pessimistas com o desenrolar do processo que culminaria no Holocausto. A união central, por exemplo, se envolveria na ajuda a judeus alemães que tentavam emigrar para outros países. Ainda assim, nota-se que as ações autoritárias são sempre precedidas por palavras, as quais nem sempre se atribui o real perigo.

*** Carlos Reiss é coordenador-geral do Museu do Holocausto de Curitiba. Michel Ehrlich é coordenador do departamento de História da instituição.**
